

A FUNCIONALIDADE DA LÍNGUA LATINA EM MARCAS E RÓTULOS COMERCIAIS

Thiago Soares de Oliveira (UENF e IFF)
so.thiago@hotmail.com

RESUMO

Este trabalho objetiva a análise de marcas e rótulos comerciais como forma de identificar o uso da língua latina, isto é, demonstrar que, apesar de não ser falada por um povo na atualidade, essa língua sobrevive por meio de vocábulos empregados funcionalmente. Selecionou-se, para tanto, um *corpus* misto e aleatório composto por dez marcas de produtos diversos nomeados por palavras latinas, as quais se pretende explicar com base na gramática desse idioma. Com isso, tenciona-se a promoção de uma análise comprobatória de que, em alguns casos, a língua latina não se limita a vestígios e traços históricos, sendo utilizada plenamente na contemporaneidade.

Palavras-chave: Letras clássicas. Latim. Análise gramatical.

1. Considerações iniciais

Embora seja o primeiro idioma oficial do Vaticano, seguido do Italiano, ao latim não é dedicada a fala usual dos indivíduos, à exceção de cerimônias religiosas específicas e de alguns ambientes acadêmicos que envolvem a seara das letras, da teologia, do direito e da filosofia. Apesar disso, a língua latina, todavia, sobrevive, como se pretende demonstrar nomeando marcas comerciais diversas que utilizam funcionalmente os vocábulos latinos.

A fim de dar conta do propósito aqui delineado, foram selecionados aleatoriamente dez rótulos relacionados a produtos conhecidos e amplamente comercializados. O método aleatório de escolha das marcas foi propositado, já que não se objetiva analisar produtos componentes de um departamento de vendas específico, mas aqueles que se valem de palavras latinas como forma de nomear itens a serem comercializados. Assim, o *corpus* escolhido mostra-se adequado ao desígnio traçado de corroborar a existência e a funcionalidade de vocábulos latinos nos rótulos de produtos de livre circulação.

Antes da parte analítica, porém, revisam-se brevemente as cinco declinações latinas por serem o supedâneo teórico necessário ao exame dos vocábulos que nomeiam os produtos selecionados, os quais, oportunamente, são ilustrados com a devida fonte dos dados para demonstrar

1 que a escolha do nome mantém relação com produto; em outras palavras,
2 trata-se de seleção intencional que mantém íntima vinculação ao que o
3 produto pretende representar.

4 Essa parte do trabalho, por ser teórica, baseia-se na pesquisa bi-
5 bliográfica, uma vez que a fonte dos dados explorada para a sua redação
6 se ampara na bibliografia especializada de autores, tais como Napoleão
7 Mendes de Almeida (1992), Zélia de Almeida Cardoso (2003) e Ernesto
8 Faria (1958), entre outros. Enfim, assinala-se a relevância deste trabalho
9 na medida em que, na seara das letras clássicas, há trabalhos de análise
10 análogos que também buscam compreender como a língua latina sobre-
11 vive na contemporaneidade.

12 Não se tenciona, portanto, esgotar o assunto tampouco os vieses
13 de análise possíveis, mas contribuir de forma individual, juntamente com
14 as pesquisas já existentes, para a compreensão da relevância do latim na
15 atualidade. Os rótulos escolhidos dispõem, tanto quanto possível, de vo-
16 cábulos que permitem uma observação que se coaduna com o objetivo
17 delimitado.

18 19 **2. Considerações sobre a flexão casual dos substantivos**

20 Distintamente do português, língua cuja categorização morfológi-
21 ca se dá em dez classes de palavras (ALMEIDA, 2005; BECHARA,
22 2006 e 2009; CEGALLA, 2000; CUNHA & CINTRA, 2012; INFANTE,
23 2001; ROCHA LIMA, 2011), o latim subdivide-se em apenas nove, dada
24 a inexistência dos artigos (ALMEIDA, 1992; CARDOSO, 2003; FARIA,
25 1958; FONSECA, 1942). Segundo denominação de Ernesto Faria (1958,
26 p. 52), "são nove as chamadas partes do discurso", às quais normalmente
27 se atribui a designação de categorias gramaticais: substantivos, adjetivos,
28 pronomes, numerais, verbos, advérbios, preposições, conjunções e inter-
29 jeições.

30 Mesmo com uma classe gramatical a menos que o português, "o
31 sistema morfológico latino é bastante complexo" (CARDOSO, 2003, p.
32 18), sendo os substantivos divididos em declinações e os adjetivos em
33 classes. A complexidade da morfologia latina, doravante morfossintaxe,
34 tendo em vista que os nomes se flexionam conforme o caso gramatical
35 assumido, pode ser assinalada, a princípio, porque

36 As palavras podem ser variáveis ou invariáveis, conforme sejam passíveis
37 de modificações em sua forma, pela presença de morfemas. São palavras vari-

1 áveis os nomes (substantivos, adjetivos, numerais e pronomes) e os verbos
2 (não há artigos, em latim). São invariáveis os advérbios, em sua grande parte,
3 as preposições, as conjunções, as interjeições (exceto algumas interjeições
4 nominais) e as partículas (de interrogação sobretudo). Os nomes flexionam as-
5 sumindo forma diferentes conforme o caso gramatical em que estejam sendo
6 empregados, o número e, na maioria das vezes, o gênero. Os verbos, além de
7 apresentarem formas nominais - quando se comportam como nomes -, se fle-
8 xionam quanto à voz, ao modo, ao tempo e à pessoa. (CARDOSO, 2003, p.
9 18)

10 Sobre essa diversidade morfossintática, não se pode negar que
11 muito se assemelha ao idioma nacional, tirante algumas questões sobre
12 variação de classes de palavras e a flexão de caso, entendido este como
13 "o elemento da flexão, ou seja, da declinação de um nome ou pronome
14 quando recebe uma desinência (terminação), ou seja, um morfema núme-
15 ro-casual, conforme a sua função dentro de uma oração" (SILVA, 2012,
16 p. 13). A definição de caso muito explica a opção aqui adotada de se fa-
17 zer uso do termo *morfossintaxe* em vez de *morfologia*, já que a declina-
18 ção da palavra está intimamente ligada à função sintática que o termo
19 exerce na oração.

20 Simplificadamente, Napoleão Mendes de Almeida (2002) explica
21 que, em uma oração, podem ser encontrados seis elementos, a saber: o
22 sujeito, o vocativo, o adjunto adnominal restritivo, o objeto direto, o ad-
23 junto adverbial e o objeto indireto, correspondendo aos casos nominati-
24 vo, vocativo, genitivo, acusativo, ablativo e dativo, respectivamente. O
25 conhecimento dessas funções sintáticas é de suma importância para que
26 sejam entendidas as inúmeras exceções do latim, bem como as demais
27 funções desempenhadas pelos casos, uma vez que, de acordo com Ernes-
28 to Faria (1958), a multiplicidade de formas é a principal característica do
29 latim. Contudo, devido ao escasso espaço, esta parte do trabalho se aterá
30 a breves considerações sobre a flexão casual dos substantivos, como
31 forma de construir uma base teórica a partir da qual se possa analisar o
32 *corpus* selecionado. Vale ressaltar, contudo, que

33 As palavras "nominativo", "acusativo", "genitivo", "dativo" e "ablativo"
34 são termos técnicos para os cinco ou seis chamados 'casos' dos substantivos e
35 adjetivos latinos. [...] Quando enunciados dessa forma, os casos são chamados
36 de "declinação". "Declinar" um nome significa flexioná-lo em todos os casos
37 (JONES & SIDWELL, 2012, p. 13)

38 Nesse rumo, é preciso explicar que "todos os substantivos estão
39 sujeitos à flexão de caso. Assim, todos eles apresentam, idealmente, doze
40 formas diferentes (singular e plural, nos casos nominativo, vocativo, acu-
41 sativo, genitivo, dativo e ablativo)" (GONÇALVES, 2007, p. 43), além

1 de poderem apresentar os gêneros masculino, feminino e neutro, sendo
2 que este sobreviveu em alguns pronomes demonstrativos (isto, isso, aqui-
3 lo e o), pronomes indefinidos (tudo, nada, algo), adjetivos e infinitivos
4 substantivados, consoante salienta Marcos Bagno (2007). A tais resquí-
5 cios, José Pereira da Silva (2010, p. 117) acrescenta frases do tipo *Limo-*
6 *nada é bom* e *É proibido entrada*, em que o sujeito aparece "indetermi-
7 nado", ressaltando que "as causas do desaparecimento do gênero neutro
8 foram fonéticas (analogia das formas) e psicológicas (desnecessidade da
9 oposição entre o gênero animado e o inanimado)".

10 Considerando que "os substantivos sempre estabelecem concor-
11 dância de gênero, número e caso com outras palavras nominais que os
12 modificam" (GONÇALVES, 2007, p. 43), tornando ainda mais complexa
13 a compreensão dos mecanismos de declinação, uma das formas mais uti-
14 lizadas para separar os substantivos didaticamente envolve o conheci-
15 mento do tema, que

16 É a parte do substantivo pronta para receber as desinências de caso, ou se-
17 ja, constitui-se do radical do substantivo e, em alguns casos, uma vogal temá-
18 tica que se segue imediatamente ao radical. Os substantivos latinos podem ter,
19 então, seis tipos de tema: os com vogal temática *a, o, i, u e e*, e os sem vogal
20 temática (que têm o radical terminado em consoante, portanto). Isso nos dá
21 um total de seis classes possíveis para os substantivos. No entanto, os substan-
22 tivos de tema consonântico e os de tema em 'l' foram incluídos na mesma ca-
23 tegoria, o que nos deixa com cinco conjuntos (paradigmas) de declinações
24 nominais. (GONÇALVES, 2007, p. 44)

25 A despeito da organização proposta por Rodrigo Tadeu Gonçalves
26 (2007), considera-se, aqui, como melhor forma distintiva das declinações
27 a proposição que encontra respaldo em Napoleão Mendes de Almeida
28 (1992), Zélia de Almeida Cardoso (2003), Ernesto Faria (1958) e Amós
29 Coêlho da Silva (2012), segundo as quais o genitivo singular funciona
30 como caso distintivo entre os demais. As terminações *ae, i, is, us* e *ei*
31 correspondem ao genitivo singular das declinações da 1ª à 5ª, respecti-
32 vamente. Vale mencionar, nesse ponto, em relação a palavras latinas,
33 que, "como o genitivo é o caso mais característico das declinações, é cos-
34 tume indicá-las pelo genitivo singular, processo este puramente empírico,
35 mas consagrado pela tradição" (FARIA, 1958, p. 71). Passa-se, com base
36 nisso, a discorrer sobre as cinco declinações dos substantivos latinos, or-
37 ganizando-as em tabelas para que fique facilitado o entendimento.

38 À primeira declinação, cujo tema ocorre em *-a* e genitivo singular
39 ocorre em *-ae*, pertencem majoritariamente as palavras "de gênero femi-
40 nino, havendo algumas do gênero masculino (nomes de homens, de seres

1 do sexo masculino, de certas profissões e de alguns rios" (ALMEIDA,
 2 1992, p. 31). Alguns exemplos seriam: *rosa, ae* (rosa), *nauta, ae* (mari-
 3 nheiro), *ala, ae* (asa), *corona, ae* (coroa), *columba, ae* (pomba), *ancilla,*
 4 *ae* (escrava). Desse modo, declinando, a título de exemplo, o vocábulo
 5 *pecunia, ae* (dinheiro), descrito aqui da forma como aparecem nos dicio-
 6 nários, ou seja, nominativo singular seguido de genitivo singular, ter-se-
 7 ia a Quadro 1:

1ª DECLINAÇÃO - Tema em A		
<i>Pecunia, ae</i> (feminino)		
CASO	SINGULAR	PLURAL
Nominativo	pecuniA	pecuniAE
Vocativo	pecuniA	pecuniAE
Genitivo	pecuniAE	pecuniARUM
Ablativo	pecuniA	pecuniIS
Dativo	pecuniAE	pecuniIS
Acusativo	pecuniAM	pecuniAS

8 Quadro 1: 1ª declinação latina

9 Conforme Zélia de Almeida Cardoso (2003), pertencem à segunda
 10 declinação os substantivos de tema em *-o-*, sendo majoritariamente mas-
 11 culinos, como *lupus, i* (lobo), *puer, i* (menino), *magister, tri* (professor),
 12 *vir, i* (varão). São femininos, contudo, os nomes de árvores tais como *pi-*
 13 *rus, i* (pereira) e *malus, i* (macieira). Os neutros, por sua vez, são os subst-
 14 tantivos que têm o nominativo singular em *-um*, como ocorre com *tem-*
 15 *plum, i* e *bellum, i*, além de três substantivos em *-us*, empregados apenas
 16 no singular, quais sejam: *pelagus, i* (mar), *uirus, i* (veneno) e *uulgus, i*
 17 (povo, multidão). A segunda declinação, obviamente, é mais complexa
 18 do que a primeira, comportando, inclusive, diversas exceções que não
 19 poderão ser contempladas neste trabalho. Logo, para efeitos da composi-
 20 ção das tabelas, utilizar-se-ão, em vez de exemplos, apenas as termina-
 21 ções da regra geral. Vide Quadro 2, representativa dos substantivos mas-
 22 culinos e femininos terminados em *-us*:

2ª DECLINAÇÃO - Tema em O		
CASO	SINGULAR	PLURAL
Nominativo	US	I
Vocativo	E	I
Genitivo	I	ORUM
Ablativo	O	IS
Dativo	O	IS
Acusativo	UM	OS

23 Quadro 2: 2ª declinação latina - terminação *-us*

1 Se acrescentadas outras terminações casuais da segunda declina-
2 ção, bem como algumas excepcionais e as palavras neutras, o resultado
3 seria a Quadro 3, que segue:

2ª DECLINAÇÃO - Tema em O		
CASO	SINGULAR	PLURAL
Nominativo	US, ER, IR, UM	I, A
Vocativo	E/I, ER, IR, UM	I, A
Genitivo	I	ORUM, UM
Ablativo	O	IS
Dativo	O	IS
Acusativo	UM	OS, A

4 Quadro 3: 2ª declinação latina - terminações diversas

5 Já a terceira declinação latina é a mais complexa das cinco, pois
6 inclui inúmeras terminações e exceções. De acordo com Orlando Fonseca
7 e Domingos de Vilhena Morais (1942) e Peter Jones e Keith Sidwell
8 (2012), a essa declinação pertencem palavras de várias terminações no
9 nominativo, mas todas com genitivo singular em *-is*, e palavras dos três
10 gêneros gramaticais, sendo parissilábicas as que têm o mesmo número de
11 sílabas no nominativo e genitivo singular, cujo genitivo plural ocorre
12 com a terminação *-ium*, via de regra; imparissilábicas são as palavras que
13 não têm essa igualdade numérica de sílabas. Nesse caso, o genitivo plural
14 se dá, normalmente, em *-um*. Podem ser citados como exemplos: *rex, re-*
15 *gis* (rei), *leo, leonis* (leão), *libertas, libertatis* (liberdade), *natio, nationis*
16 (nação), *civis, civis* (cidadão), *nox, noctis* (noite), *ars, artis* (arte).

17 Segundo Zélia de Almeida Cardoso (2003, p. 32), " as palavras
18 masculinas e femininas em tema *-i-* tinham, na origem, um paradigma
19 próprio que as diferenciava das que não possuíam vogal temática", apre-
20 sentando as seguintes terminações casuais, representadas pela Quadro 4:

3ª DECLINAÇÃO - Tema em I		
CASO	SINGULAR	PLURAL
Nominativo	IS	(I)ES
Vocativo	IS	(I)ES
Genitivo	IS	IUM
Ablativo	I(D)	IBUS
Dativo	I	IBUS
Acusativo	IM	IS

21 Quadro 4: 3ª Declinação latina - regra de aplicação ampla

22 Dada "a pluralidade de possibilidades de terminações do nomina-
23 tivo e do genitivo singular" (CARDOSO, 2003, p. 34), é possível ainda
24 compor a Quadro 5, de casos variáveis:

3ª DECLINAÇÃO - Tema em I		
CASO	SINGULAR	PLURAL
Nominativo	VARIÁVEL	ES
Vocativo	VARIÁVEL	ES
Genitivo	IS	UM
Ablativo	E	IBUS
Dativo	I	IBUS
Acusativo	EM	ES

Quadro 5: 3ª declinação latina - casos variáveis

Quanto aos neutros da terceira declinação latina, os quais podem ter tema em *-i* ou não apresentar vogal temática, as terminações mais frequentes ocorrem em *-al*, *-ar* e *-e* no nominativo singular, mantendo-se o genitivo singular em *-is*. À guisa de exemplos, podem ser citados: *animal, is* (animal), *calcar, is* (espora) e *mare, is* (mar). Orlando Fonseca e Domingos de Vilhena Morais (1942) aprofundam bastante este estudo que, compilado sinteticamente, resulta na Quadro 6:

3ª DECLINAÇÃO - Tema em I		
CASO	SINGULAR	PLURAL
Nominativo	AL, AR, E	IA
Vocativo	AL, AR, E	IA
Genitivo	IS	IUM
Ablativo	I	IBUS
Dativo	I	IBUS
Acusativo	AL, AR, E	IA

Quadro 6: 3ª declinação latina - neutros com terminação fixa no nominativo singular

Há também, na terceira declinação, substantivos neutros cujo nominativo é variável, com a manutenção, do genitivo singular em *-is*, por ser o caso distintivo entre as declinações latinas. Nesses casos, assevera Zélia de Almeida Cardoso (2003) que o radical pode apresentar *t*, *r*, *n*, *s*. São exemplos desses neutros específicos: *caput, itis* (cabeça), *marmor, oris* (mármore) e *tempus, oris* (tempo). Eis a Quadro 7:

3ª DECLINAÇÃO - Tema em I		
CASO	SINGULAR	PLURAL
Nominativo	VARIÁVEL	A
Vocativo	VARIÁVEL	A
Genitivo	IS	UM
Ablativo	E	IBUS
Dativo	I	IBUS
Acusativo	VARIÁVEL	A

Quadro 7: 3ª declinação latina - neutros com variável no nominativo singular

1 À quarta declinação, menos numerosa do que a terceira, pertencem "nomes masculinos e femininos, que terminam em *us*, e alguns nomes neutros, que terminam em *u*" (ALMEIDA, 1992, p. 81). Como já foi pontuado, o genitivo singular dessa declinação termina em *-us* e o tema se dá em *-u*. Afora algumas particularidades, que não serão citadas, e a distinção declinativa a depender da terminação no nominativo singular, as quais serão devidamente separadas nas tabelas, essa declinação não oferece grandes dificuldades se comparada à anterior. Segundo Ernesto Faria (1958),

10 A quarta declinação encerra [...] um número restrito de palavras, sofrendo, além disso, a concorrência principalmente da segunda declinação, como também em parte da terceira. Por este motivo, desde os primórdios da tradição literária, apresenta ela a tendência a desaparecer, o que e ultimou no latim vulgar dos fins do império. Ainda mais concorreu para o desaparecimento da quarta declinação como que certa indecisão de vários de seus temas, que tomavam casos de outros sistemas de flexão, especialmente da segunda. (FARIA, 1958, p. 110)

18 Vide, então, o Quadro 8:

4ª DECLINAÇÃO - Tema em U		
CASO	SINGULAR	PLURAL
Nominativo	US	US
Vocativo	US	US
Genitivo	US	UUM
Ablativo	U	IBUS
Dativo	UI	IBUS
Acusativo	UM	US

19 Quadro 8: 4ª Declinação latina - palavras masculinas e femininas

20 Antes de tabelar as demais terminações da quarta declinação, vale
21 mencionar que "alguns substantivos, porém, conservam o dativo/ablativo
22 plural em *-ubus*. É o caso de *quercus* (carvalho) e *lacus* (lago) e de algu-
23 mas palavras que poderiam ser confundidas com palavras da terceira de-
24 clinação por terem radicais semelhantes" (CARDOSO, 2003, p. 40), co-
25 mo ocorre com *partus, us* (parto), para que não se confunda com *pars,*
26 *partis* (parte), e *arcus, us* (arco), evitando confusão com *arx, cis* (fortifi-
27 cação).

28 Quanto aos neutros da quarta declinação, tratar-se de um pequeno
29 número de palavras, cujas terminações estão assim representadas pela
30 Quadro 9:

1

4ª DECLINAÇÃO - Tema em U		
CASO	SINGULAR	PLURAL
Nominativo	U	UA
Vocativo	U	UA
Genitivo	US	UUM
Ablativo	U	IBUS
Dativo	UI	IBUS
Acusativo	U	UA

2

Quadro 9: 4ª Declinação latina - palavras neutras

3 Por fim, a quinta declinação é menos numerosa de todas as decli-
 4 nações latinas, "podendo-se dizer que somente os substantivos *res*
 5 (=coisa) e *dies* (=dia) constituem verdadeiramente essa declinação"
 6 (ALMEIDA, 1992, p. 85). Na verdade, Orlando Fonseca e Domingos de
 7 Vilhena Moraes (1942) assinalam que há outros vocábulos, mas apenas
 8 esses dois declinam-se em todos os casos. À última declinação pertencem
 9 os substantivos em tema *-e*, cujo genitivo singular ocorre em *-ei*, e mes-
 10 cla algumas desinências da primeira e da terceira declinações, come se
 11 pode observar na Quadro 10:

5ª DECLINAÇÃO - Tema em E		
CASO	SINGULAR	PLURAL
Nominativo	ES	ES
Vocativo	ES	ES
Genitivo	EI	ERUM
Ablativo	E	EBUS
Dativo	EI	EBUS
Acusativo	EM	ES

12

Quadro 10: 5ª Declinação latina

13

As cinco declinações passaram a três

14

15

16

17

18

19

20

21

22

Sobretudo porque eram poucos os nomes que se enquadravam na 4ª e na
 5ª. Assim, os nomes da 5ª passaram, em sua maioria, para a 1ª e, em menor
 volume, para a 3ª declinação. Os nomes da 4ª se transferiram para a 2ª, pela
 semelhança que existia entre as desinências casuais. Para isso contribuiu a
 confusão que já existia no próprio latim clássico, em que alguns substantivos
 da 5ª podiam também ser declinados pela 1ª: *avarities*, *-ei* ou *avaritia*, *-ae*; *luxur-
 ies*, *-ei* ou *luxuria*, *-ae*; *materies*, *-ei* ou *materia*, *-ae*. O mesmo ocorria
 com os nomes da 4ª e da 2ª: *domus*, *-us* ou *domus*, *-i*; *colus*, *-us* ou *colus*, *-i*;
fructus, *-us* ou *fructus*, *-i*. (BAGNO, 2007, p. 30)

23

24

25

26

Diante dessa sintética exposição acerca da flexão casual dos subs-
 tantivos latinos, em que não foram explicadas minúcias das declinações,
 mas apenas o necessário para a análise do *corpus* selecionado, inserindo-
 se, tanto quanto necessário, explicações outras no decorrer do próximo

1 tópico, passa-se à análise das marcas e rótulos comerciais com o fito de
2 dar conta do objetivo proposto: demonstrar que, apesar de não ser falada
3 por um povo, a língua latina sobrevive por meio de vocábulos empregados
4 funcionalmente.

5 6 3. *Análise do corpus: apontamentos sobre a funcionalidade do léxico* 7 *latino*

8 Revista de forma breve a flexão casual dos substantivos e entendi-
9 da a complexidade do manejo do sistema morfológico/morfossintático
10 latino, passa-se a analisar a funcionalidade do léxico da língua latina uti-
11 lizado para nomear marcas comerciais, assinalando a íntima relação entre
12 o que a marca supostamente propõe e o produto comercializado. Eis a
13 primeira gravura que compõe o *corpus*:



14
15 **Fig. 1:** Cerveja Liber. Fonte: <http://www.brahma.com.br/vivaobar>

16 O nome *Liber*, que estampa a bebida, do latim *liber, liberi*, dentre
17 outras possibilidades, pode significar "homem livre". Trata-se do uso
18 propositado de um substantivo masculino da 2ª declinação latina, no no-
19 minativo singular, bastante apropriado para a proposta da marca. Pela
20 análise dos elementos imagéticos do produto, percebe-se que se trata de
21 uma linha específica de cerveja da *Brahma* com percentual zero de álco-
22 ol, o que proporciona liberdade ao homem para dirigir sem que seja in-
23 fringida norma referente à legislação de trânsito. A partir do nome da
24 marca, que muito se assemelha à palavra *livre*, subentende-se que há a
25 possibilidade do consumo da cerveja com liberdade, uma vez que a au-
26 sência de álcool na composição não compromete o indivíduo que preten-
27 der conduzir um veículo automotor. Agora, vide a segunda figura:



Fig. 2: Conhaque de gengibre *Domus*.

Fonte: <http://supermercadogomes.com.br/bebidas/destilados/garrafa-de-conhaque-de-gengibre-domus-1-litro.html>

1
2
3
4
5 Diferentemente da **Fig. 1**, que propõe uma bebida não alcoólica,
6 na **Fig. 2**, tem-se um conhaque de gengibre nomeado por *Domus*, do la-
7 tim *domus, domus*, substantivo latino feminino da 4ª declinação no no-
8 minativo singular, que significa "casa; domicílio; família". Nesse caso, a
9 significação do vocábulo se associa claramente à proposta da marca: uma
10 bebida artesanal, produzida no âmbito familiar. Normalmente, aos produ-
11 tos caseiros é atribuída certa confiança relativa ao processo de produção.
12 Logo, do meio familiar à disposição dos bons apreciadores de conhaque,
13 a palavra *Domus* pressupõe procedência e, ao que parece, foi proposita-
14 damente escolhida e bem empregada, ainda que a associação da signifi-
15 cação da marca ao produto comercializado não seja tão simples para o
16 indivíduo desconhecedor do vocábulo latino. Eis a **Fig. 3**:



17
18 **Fig. 3:** *Intimus*. Fonte: <http://www.lojasrede.com.br/produto/Absorvente-Interno-Intimus-Mini-Caixa-Com-8-Unidades-124697>
19

1 Na figura acima, a associação é bem clara graças às demais in-
2 formações que acompanham o nome do produto. *Intimus*, do latim *inti-*
3 *mus*, *-i*, é um substantivo masculino da 2ª declinação no nominativo sin-
4 gular, significando "aquele que vive na intimidade". Considerando que a
5 mercadoria se apresenta como um absorvente íntimo que protege a mu-
6 lher ao fornecer cobertura seca e com abas, o nome da marca é bem su-
7 gestivo se associado às informações outras constantes na embalagem,
8 como a cor rosa, por exemplo. Além do mais, *Intimus* pode ser relacio-
9 nado ao adjetivo *íntimo*, do latim *intimus*, *-a*, *-um*, devido à função de
10 proteção íntima feminina. Assim, a transparência com a língua portu-
11 guesa leva o consumidor a saber que se trata de um absorvente íntimo, o que
12 torna o vocábulo latino plenamente funcional em relação ao que se pre-
13 tende comercializar. A **Fig. 4**, abaixo, também é bastante representativa:



14 **Fig. 4.** *Natura*. Fonte: <http://jovemaprendiz.blog.br/jovem-aprendiz-natura-2015>
15

16 A palavra *Natura* significa "natureza", do latim *natura*, *-ae*, sub-
17 stantivo feminino da 1ª declinação no nominativo singular. A marca é bas-
18 tante famosa por comercializar cosméticos fabricados com matéria-prima
19 advinda da natureza, agregando fragrâncias inspiradas em diversas espé-
20 cies de plantas. Na gravura, *Brasil*, como elemento secundário, tenciona
21 representar que a linha veiculada tem seu foco voltado às espécies botâ-
22 nicas do país. Nesse caso, trata-se de uma associação simples entre o vo-
23 cábulo latino e a empresa de cosméticos. Uso útil do latim, portanto, as-
24 sim como o é o da **Fig. 5**, que segue:



Fig. 5: *Plus Vita*. Fonte: <http://www.saoluizdelivery.com.br/pao-de-forma-light-integral-plus-vita-400g-31925.aspx/p>

A marca acima, representada pela **Fig. 5**, é composta por dois vocábulos: *plus*, advérbio latino que significa "mais" e *vita*, substantivo feminino da 1ª declinação no nominativo singular, do latim *vita*, -ae. Obviamente, nesse caso, a palavra *plus* está morfologicamente destituída de sua categoria gramatical em razão da posição de um substantivo. O melhor, aqui, seria atribuir ao vocábulo a noção de indefinição própria de alguns pronomes. De qualquer forma, a expressão *mais vida*, tradução literal da marca, é assaz representativa do produto anunciado: pão integral, fonte de fibras, com zero percentual de gordura e *light*, ou seja, menos calórico. Pressupõe-se, logo, que a ingestão do produto prolongue a vida do indivíduo, motivo pelo qual o alimento "convida" o comprador a consumi-lo. A escolha do nome da mercadoria condiz com a mercadoria em si, não aparentando aleatoriedade em relação a esta.

Abaixo, na **Fig. 6**, o rótulo que ilustra o produto da *Johnson*, ou seja, *Optimum* é de uso bastante interessante. Em latim, *Optimum* (de *optimus*, -a, -um) é uma forma adjetiva neutra sinteticamente flexionada em grau. Trata-se, na verdade, do superlativo absoluto sintético neutro de *bonus*, -a, -um, que significa "bom", seguido das demais flexões genéricas (masculino, feminino, neutro). Equivalendo a *ótimo* em português, o produto de limpeza se apresenta como superior, já que não apenas *bom*. No caso específico, graças à simples relação possível com o idioma nacional, inclusive por aproximação fonética, o nome da mercadoria mostra-se interessante e funcional, propiciando que o desconhecedor do latim adira aos efeitos da publicidade.



1
2
3 Fig. 6: Produto de limpeza *Optimum*. Fonte:
http://www.paodeacucar.com.br/secoes/C4233_C4446/cozinha?&ftr=facet_LIMPEZA

4 Eis, agora, a **Fig. 7**:



5
6
7 **Fig. 7:** Iogurte *Corpus*
Fonte: <http://masterbrand2013-hml.hmlwunderman.com.br/nossas-marcas/corpus>

8 A proposta apresentada pela *Danone* com o iogurte *Corpus*, do la-
9 tim *corpus*, *-oris*, substantivo neutro da 3ª declinação no nominativo sin-
10 gular, relaciona-se ao produto tanto pela sugestividade da significação
11 vocabular quanto pela aproximação fonética com o português. *Corpus*
12 normalmente significa "corpo", mas pode significar "gordura". Desse
13 modo, por se tratar de um alimento *light*, espera-se que tenha reduzido
14 valor calórico, contribuindo para a manutenção de um corpo mais saudá-
15 vel. Ademais, o rótulo explicita a expressão "menos gordura". Assim, a
16 escolha do vocábulo latino, que poderia ser substituído pela sua forma
17 aportuguesada, é útil visto que o fator de impacto e o de realce são itens
18 considerados quando se pretende atrair o público consumidor.

19 Segue a **Fig. 8**:



Fig. 8: Whisky *Natu Nobilis*

Fonte: <http://www.valdarmoveis.com.br/whisky-natu-nobilis--600734.html>

1
2
3
4 A composição da significação do rótulo da **Fig. 8** é bem mais
5 complexa, tendo em vista o uso do caso ablativo, em vez do usual nomi-
6 nativo. *Natu* é flexão de *natus*, *-us* (substantivo masculino da 4ª declina-
7 ção, o qual significa "nascimento; idade") no ablativo singular, caso lati-
8 no que mormente representa as circunstâncias. Já *nobilis*, no caso em
9 análise, apresenta-se como o adjetivo "nobre, de boa origem", do latim
10 *nobilis*, *-e*. Assim, a expressão seria traduzida para o português como
11 "pela origem nobre; pelo nascimento nobre", o que é reforçado pelo ter-
12 mo inglês *blended whisky*, ou seja, "whisky misto, misturado". Nessa
13 ilustração, embora *natu* possa ser associado a *nato*, *nascido*, o mais pro-
14 vável é que *nobilis* remeta ao adjetivo nobre, produzindo o efeito de sen-
15 tido que relaciona o whisky a uma bebida nobre. Diante disso, a expres-
16 são, mesmo que de complexo entendimento, colabora para a sedução do
17 comprador, tal como a **Fig. 9**, que segue:



Fig. 9: Sabonete *Lux*

18
19
20 Fonte: <http://loja.paguemenos.com.br/sabonete-lux-luxo-brilhe-90g-8781.aspx/p>

1 Quanto à figura acima, a semelhança entre o nome latino *Lux* e o
2 adjetivo a ele atribuído é sugestiva e propositada devido ao significante
3 dos vocábulos, não ao significado. Em latim, *lux* significa "luz; brilho",
4 de *lux, lucis*, substantivo feminino da 3ª declinação no nominativo singu-
5 lar. A intenção, portanto, é cativar o comprador pela associação entre o
6 produto e o luxo que este proporciona ao deixar a pele brilhante. Como
7 se percebe, "brilhe" é informação secundária que compõe a embalagem,
8 assim como "com óleos hidratantes aromáticos". Assim, há relação entre
9 *lux* e "brilhe", mas não perceptível pelo significado da palavra latina, mas
10 pela proximidade de significante com "luxo". De todo modo, o uso do la-
11 tim é útil e serve ao propósito do produto, sendo, portanto, funcional. Vi-
12 de, por fim, a **Fig. 10**:



13
14 **Fig. 10:** Relógio *Invicta*

15 Fonte: <http://blog.opticasitamaraty.com.br/must-have/must-have-relogios-invicta>

16 A palavra *Invicta*, diferentemente da maioria dos vocábulos lati-
17 nos submetidos analisados, é um adjetivo flexionado no gênero feminino
18 singular (ou neutro plural) que significa "não vencido; invencível; pode-
19 roso", do latim *invictus, -a, -um*. Por se tratar de uma marca de relógio de
20 luxo, a proposição é a de que se associe o uso do produto ao poder que
21 ele representa. Relativamente à marca analisada, há, também, um propó-
22 sito funcional e bem delimitado na seleção do nome.

23

24 4. *Considerações finais*

25 O trabalho desenvolvido demonstra que o latim tem sido ampla-
26 mente empregado em nomes de marcas de produtos diversos e rótulos
27 (não necessariamente a marca), como se pôde perceber nas análises tec-
28 das. Em alguns exemplos, os nomes se apresentam em forma flexionada

1 diversa do usual nominativo singular. Seria, então, o caso de levantar a
2 reflexão acerca da morte total de um idioma apenas porque deixou de ser
3 falado?

4 Obviamente, em termos linguísticos, o manejo oral pelo indivíduo
5 é critério *sine qua non* para a classificação de uma língua, já que esta, por
6 ser social, só possui sentido e verdadeira viabilidade na comunidade de
7 fala onde é empregada. Logo, a utilização é, com efeito, fundamento ex-
8 tremamente válido para definir e classificar um idioma. O que dizer, con-
9 tudo, de vocábulos latinos corriqueiramente utilizados, muitas vezes as-
10 semelhados pelo significante e funcionalmente sugestivos? Seriam eles
11 apenas resquícios sem sentido e não práticos que persistem em sobrevi-
12 ver na língua portuguesa?

13 Diante das análises aqui impendidas, nota-se que o léxico latino é
14 amplamente utilizado no meio comercial em substituição a algumas for-
15 mas aporuguesadas, em razão de um apelo específico que relaciona o
16 produto às várias aproximações possíveis com o idioma nacional, seja
17 pelo significante seja pela fonética. Nomes como *Lux* e *Corpus*, por
18 exemplo, são extremamente operacionais, especialmente se considerados
19 todos os elementos secundários que podem e devem ser percebidos nas
20 mercadorias a serem comercializadas.

21 Isso significa, nesse sentido, que a escolha do léxico latino é pro-
22 positada e responde às necessidades de venda do produto, bastando per-
23 ceber que a associação entre marca/rótulo e mercadoria é realçada pelo
24 uso dos vocábulos latinos que, na maioria dos casos submetidos à análi-
25 se, são sugestivos e não demandam verdadeiramente o conhecimento da
26 flexão casual para a adesão do público-comprador, se bem que, conhe-
27 cendo os casos latinos, fique ainda mais clara essa relação. Além do
28 mais, a suposta casualidade do uso desses vocábulos fica à beira do des-
29 carte, uma vez que se pretende que a marca seja representativa da princi-
30 pal característica do produto, o que foi possível demonstrar no estudo re-
31 alizado.

32 Assim sendo, em meio ao descaso de outros setores, as ricas pos-
33 sibilidades oferecidas pelo léxico da língua latina, ao que parece, têm si-
34 do bem aproveitadas nos rótulos de determinadas marcas, significando
35 que o idioma sobrevive. O conhecimento do latim decerto subsidia a aná-
36 lise proveitosa dos efeitos da relação dessas marcas com os produtos a
37 serem comercializados.

38

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1
2 ALMEIDA, Napoleão Mendes de. *Gramática latina*: curso único e com-
3 pleto. 24. ed. São Paulo: Saraiva, 1992.
- 4 _____ . *Gramática metódica da língua portuguesa*. 45. ed. São Paulo:
5 Saraiva, 2005.
- 6 BAGNO, Marcos. *Gramática histórica*: do latim ao português brasileiro.
7 Brasília: UnB, 2007. Disponível em:
8 www.gpesd.com.br/baixar.php?file=100. Acesso em: 05-08-2015.
- 9 BECHARA, Evanildo. *Gramática escolar da língua portuguesa*. Rio de
10 Janeiro: Lucerna, 2006.
- 11 _____ . *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Nova
12 Fronteira, 2009.
- 13 CARDOSO, Zélia de Almeida. *Iniciação ao latim*. 5. ed. São Paulo: Áti-
14 ca, 2003.
- 15 CEGALLA, Domingos. Paschoal. *Novíssima gramática da língua portu-
16 guesa*. 43. ed. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 2000.
- 17 CUNHA, Celso; CINTRA, Luiz Filipe Lindley. *Nova gramática do por-
18 tuguês contemporâneo*. 5. ed. Rio de Janeiro: Lexicon, 2012.
- 19 FARIA, Ernesto. *Gramática superior da língua latina*. Rio de Janeiro:
20 Acadêmica, 1958.
- 21 FONSECA, Orlando; MORAIS, Domingos de Vilhena. *Língua latina*:
22 gramática. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1942.
- 23 GONÇALVES, Rodrigo Tadeu. *Língua latina*. Curitiba: IESDE, 2007.
- 24 INFANTE, Ulisses. *Curso de gramática aplicada aos textos*. 6. ed. São
25 Paulo: Scipione, 2001.
- 26 JONES, Peter; SIDWELL, Keith. *Aprendendo latim*: textos, gramática,
27 vocabulário, exercícios. Trad.: Isabella Tardin Cardoso e Paulo Sérgio de
28 Vasconcelos. São Paulo: Odisseus, 2012.
- 29 ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. *Gramática normativa da língua
30 portuguesa*. 49. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.
- 31 SILVA, Amós Coêlho da. *Ars latina*: curso prático da língua latina. Pe-
32 trópolis: Vozes, 2012.

- 1 SILVA, José Pereira. *Gramática histórica da língua portuguesa*. Rio de
- 2 Janeiro: Ingráfica, 2010.